



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU-MIRIM-CESITA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

DAVID WANDERSON DOS SANTOS DE OLIVEIRA

**A LITERATURA INFANTOJUVENIL COMO FERRAMENTA NO INCENTIVO A
LEITURA E ESCRITA E CONSTRUÇÃO DO ALUNO LEITOR**

ITAPECURU-MIRIM
2023

DAVID WANDERSON DOS SANTOS DE OLIVEIRA

**A LITERATURA INFANTOJUVENIL COMO FERRAMENTA NO INCENTIVO A
LEITURA E ESCRITA E CONSTRUÇÃO DO ALUNO LEITOR**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do grau de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas Literaturas da Universidade Estadual do Maranhão.

Orientador: Prof.^º Esp. Natanael Vieira.

Oliveira, David Wanderson dos Santos de.

A importância da literatura infantojuvenil como ferramenta no incentivo a leitura, escrita e construção do aluno leitor./ David Wanderson dos Santos de Oliveira – Itapecuru (MA), 2024.
50f.

Monografia (Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e SUAS respectivas literaturas) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Itapecuru (MA), 2024.

Orientador: Profa. Esp. Natanael Vieira.

1. Literatura. 2. Escrita. 3. Leitura. 4. Letramento. 5. Infantojuvenil. I.Título.

DAVID WANDERSON DOS SANTOS DE OLIVEIRA

**A LITERATURA INFANTOJUVENIL COMO FERRAMENTA NO INCENTIVO A
LEITURA E ESCRITA E CONSTRUÇÃO DO ALUNO LEITOR**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da
Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do
grau de licenciatura em Letras com habilitação em
língua portuguesa e suas literaturas da Universidade
Estadual do Maranhão.

Orientador: Prof.^o Esp. Natanael Vieira.

Data de Aprovação: 12/01/2024

Documento assinado digitalmente

NATANAEL VIEIRA

Data: 12/01/2024 12:20:10-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Orientador Prof.^o Esp. Natanael Vieira.

Documento assinado digitalmente

LAURA VIRGINIA TINOCO FARIAS

Data: 12/01/2024 13:45:44-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Laura Virginia Tinoco Farias

Documento assinado digitalmente

MARIA ALICE DE JESUS PEREIRA DOS SANTOS

Data: 15/01/2024 00:25:33-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Maria Alice Jesus Pereira Dos Santos

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer ao meu Deus, que sempre esteve comigo em todas as horas me dando graça sabedoria e forças para continuar todos os dias nessa jornada. Quero agradecer a todos os meus familiares e amigos que me apoiaram e me ajudaram quando precisei, em cada gesto de carinho e de aconselhamentos vindo da parte de todos aqueles que estudaram comigo realizando o mesmo sonho que o meu.

Não poderia esquecer de forma alguma, daquela que em vida se chamava Josefa minha avó, mulher nobre guerreira que sempre lutou pelo bem star dos seus filhos e netos, e pela sua ajuda e força a mim concedido, patrocinou ainda em vida para que eu realizasse esse sonho.

Ao meu avô, que logo após a morte da minha avó, continuou pagando os custos da minha faculdade, entendo que esse era o meu sonho e o da sua falecida esposa. Sou muito grato a Deus por ter me dados avós tão especiais que sonharam e acreditaram em mim.

Aos meus pais, que sabiam deis de pequeno qual era o meu sonho profissional, e que sempre me aconselharam a buscar e estudar para então realizá-lo.

A todos que passaram pela minha vida, e que de certa forma contribuíram de forma direta e indireta para realização desse momento.

Ao meu Deus pelo seu infinito amor e
graça, e a todos que sonharam junto
comigo pela minha formação.

“O mundo é um belo livro, mas com pouca
utilidade para quem não sabe ler”.

(Carlo Goldoni)

RESUMO

O presente trabalho aborda como a literatura infantojuvenil, pode auxiliar no trabalho do professor em sala de aula, facilitando e ajudando no processo de construção do aluno leitor. Portanto, apresentaremos um breve histórico sobre essa literatura que a muito tempo tem sido utilizada ao longo dos anos nas escolas não só do Brasil, mas em diversas partes do mundo, como também seus aspectos e características em geral, assim como seus benefícios que de certa forma ajudarão o educando a compreender e aprender ao longo da sua jornada escolar e pós escolar. Apontaremos a importância do trabalho docente no incentivo e projeção da literatura infantojuvenil, para a formação do aluno leitor, compreendendo que o incentivo à leitura, deve ser trabalhado dentro e fora da escola. Apontaremos a importância da escola na vida e no desenvolvimento do aluno, no incentivo à leitura, que resultará em um melhor aproveitamento desse indivíduo. Serão citados vários autores ao longo desse trabalho, que através dos seus estudos ajudarão na melhor compreensão sobre a importância da literatura dentro e fora de sala de aula no desenvolvimento do educando com o aluno e principalmente na construção da sua identidade social como cidadão.

Palavras Chave: Literatura; Escrita; Letramento; Infantojuvenil.

ABSTRACT

This work addresses in detail how children's literature can help in the teacher's work in the classroom, facilitating and helping in the literacy process and later in the student's literacy. Therefore, we will present a brief history of this literature that has long been used over the years in schools not only in Brazil, but in different parts of the world, as well as its aspects and characteristics in general, as well as its benefits. form will help the student to understand and learn throughout their school and post-school journey. We will point out the importance of teaching work in the encouragement and projection of children's literature, for the formation of the student reader, understanding that the encouragement of reading must be worked inside and outside the school. We will point out the importance of the school in the life and development of the child, in encouraging children's reading, which will result in a better performance of this individual at. Several authors will be cited throughout this work, who through their studies will help to better understand the importance of literature inside and outside the classroom in the development of the student with the student and especially in the construction of their social identity as a citizen.

Key Words: Literature, Writing, Childhood, Children and Youth.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 CONTEXTO HISTÓRICO DA LITERATURA.....	14
2.1 A literatura no Brasil.....	18
2.2 O que é a Literatura?.....	20
3 LITERATURA INFANTIL.....	23
3.1 Literatura infantil no Brasil.....	24
4 LITERATURA INFANTOJUVENIL.....	27
5 LEITURA E ESCRITA.....	30
6 O PROCESSO DE LETRAMENTO NA CONSTRUÇÃO DO ALUNO LEITOR.....	32
7 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTOJUVENIL COMO FERRAMENTA NO ICENTIVO A LEITURA.....	35
7.1 O professor no processo de mediação da leitura.....	39
7.2 A importância da escola na formação do aluno leitor.....	43
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

A educação desde os primórdios tem sofrido algumas mudanças em prol de melhorias da qualidade de ensino ao que se refere aos desafios no processo do ato educativo, tanto na comunidade escolar quanto no convívio em sociedade. Dessa forma, os professores encontram dificuldades para preparar e formar cidadãos capazes de reivindicar, questionar, criticar e exercer seus direitos e deveres com responsabilidade e autonomia.

Nos últimos anos, temos testemunhado diversas abordagens de conhecimento e aprendizado na vida dos estudantes, ou seja, como eles adquirem conhecimento e o processo pelo qual atingem essa compreensão ao longo de sua trajetória educacional. Diante das demandas escolares e sociais, os alunos são desafiados a desenvolver habilidades de leitura e escrita. Infelizmente, a situação crítica no Brasil revela que muitos jovens concluem o ensino fundamental e até mesmo o ensino médio sem possuir uma proficiência básica em leitura, e, em muitos casos, enfrentam dificuldades para escrever até mesmo seus próprios nomes de maneira clara e correta.

É frequente observar que estudantes nas escolas públicas enfrentam desafios na interpretação de textos ao atingirem o ensino médio. É evidente que as escolas têm apresentado lacunas nesse aspecto, e alguns fatores têm impactado a adoção da Literatura Infantojuvenil como abordagem de ensino, uma vez que os resultados não são completamente satisfatórios em relação ao progresso na aprendizagem dos alunos.

A leitura sempre será o principal vínculo de aprendizagem, mas para isso faz-se necessário que as escolas acompanhem as inovações que vem ocorrendo, reconhecendo na leitura o passaporte que nos permite viajar e entrar em contato com outros mundos, ampliar horizontes, desenvolver a compreensão e a comunicação.

São vários os fatores sociais que influenciam em uma má aprendizagem do aluno, e um desses problemas está na falta de incentivo de professores e principalmente da família. A família como base no processo de aprendizagem primeira de seus filhos, na maioria dos casos não assume o compromisso de incentivá-la para a aquisição da leitura e da escrita. O aluno por não encontrar na escola o incentivo e o apoio necessário para se desenvolver na prática da leitura e na escrita, desmotiva e acaba perdendo de certa forma o total interesse em aprender.

Apesar dos esforços do professor, é impraticável que ele assuma integralmente a responsabilidade pelo processo educacional de seus alunos. Nesse sentido, é crucial contar com o suporte da família, da escola e da sociedade. Ao desempenhar um papel ativo e mediador, o educador utiliza suas habilidades pedagógicas para auxiliar os alunos em seu processo de aprendizagem.

Hoje nas escolas são distribuídos livros de literatura infantil e juvenil, para que os mesmos sejam utilizados em sala de aula, é preciso crer que as crianças precisam ser tratadas como leitores desde o início do processo de alfabetização, pois é possível ler quando ainda não se sabe ler convencionalmente e, fazendo isso, se aprende. E assim, despertar para uma formação de cidadãos letrados, capazes de fazerem uso da leitura e da escrita de acordo com a ocasião apresentada em seu contexto social.

Em virtude do grande índice de analfabetismo no Brasil, em decorrência da falta de estímulos aos educandos tanto no âmbito escolar como familiar, tornando o gosto pela leitura cada vez menos apreciada pelos alunos, surge a seguinte questão: como a Literatura Infantojuvenil poderá ser um canal de estímulo para o aluno, levando-o a uma vida de aprendizado e interesse escolar em todas as suas áreas educacionais?

Nesse sentido, o objetivo do trabalho é investigar e destacar a importância da literatura infantojuvenil no processo de formação do aluno leitor, analisando seus impactos na construção de habilidades de leitura, desenvolvimento da imaginação, ampliação do vocabulário, estímulo à criatividade, formação de valores e reflexão crítica, visando promover a valorização e incentivo à leitura.

O presente trabalho está dividido em sete capítulos. No primeiro, a introdução na qual se apresenta o tema, o problema a natureza do trabalho e o objetivo. No segundo capítulo faremos um breve levantamento histórico da literatura que vai do seu surgimento até os dias atuais, enfatizando sobre sua conceitualização e sobre o desenvolvimento literário no Brasil. No terceiro capítulo falaremos sobre Literatura Infantil, onde apontaremos seu conceito, assim como seu público alvo e sua importância nos meios institucionais escolares, como também alguns escritores de Literatura Infantil no Brasil. No quarto capítulo abordaremos sobre Literatura Infantojuvenil, no qual levantaremos seu contexto histórico e o seu padrão literário. No quinto capítulo apontamentos sobre leitura e escrita, assim como seu surgimento e seu avanço ao decorrer do tempo. No sexto capítulo enfatizaremos sobre o processo

de letramento do aluno leitor, onde apontaremos alguns fatores importantes para aquisição de leitura e escrita. No sétimo discutiremos sobre a importância da Literatura Infantojuvenil como ferramenta no incentivo à leitura, no qual levantaremos alguns apontamentos sobre o papel do professor na mediação da leitura, como também discutiremos a importância da escola na formação do aluno leitor, constituída uma importante instituição de incentivo ao indivíduo no universo das letras.

A literatura infantojuvenil é o objeto principal dessa pesquisa, por considerá-la de suma importância na vida pessoal e educacional que vai desde criança ao adulto, pois é por meio dela que seu aprendizado se consolida e sua compreensão de mundo se expande. Conforme o autor Bamberger (2000, p.71) “a criança em contato com adultos que contam histórias e tem o hábito de ler livros de contos, fábulas antes de as mesmas dormirem, promovem o desenvolvimento de um vocabulário diversificado e os estimulam a se tornarem possível bons leitores”. O aluno que desde cedo, começa a ter contato com o universo da leitura, tende a desenvolver-se para o ramo educacional, e ao ser estimulado por seus pais, através da literatura, pode vir a despertar o gosto pela leitura, e toma-la como uma atividade espontânea.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DA LITERATURA

A literatura está e sempre esteve presente no nosso cotidiano, desde as antigas civilizações humanas até a mais atual. Podemos encontrar resquícios das mais antigas literaturas datadas de cerca de 1000 anos a.c e 400 d.c que vai do Egito à Grécia antiga, a palavra "literatura" tem sua raiz no termo latino "littera", que significa letra. Ela abrange uma variedade de habilidades relacionadas à leitura e escrita, por sua vez, a literatura engloba várias definições e manifestações, podendo ser considerada uma forma de arte, uma profissão, um conjunto de produções, entre outras possibilidades.

Essa Literatura datada de cerca de 1000 anos antes de Cristo, tinha como foco principal a exaltação dos deuses daquela época, onde eram produzidos poemas e canções como forma de adoração e veneração pelos escritores. Mas com o passar dos anos, os seres humanos começaram a ganhar espaços nessas literaturas como personagens centrais da história.

O fato é que a literatura se transforma com o passar dos séculos, e com isso a forma de expressão do escritor, a partir da sua sociedade vigente. A literatura é intrinsecamente ligada à sociedade em que é produzida, e sua transformação é um reflexo direto das mudanças culturais, sociais, políticas e tecnológicas que ocorrem ao longo dos séculos.

Por um lado, se compararmos as obras de autores de diversas épocas, notaremos muitas diferenças entre elas, não só quando à linguagem, mas também quanto ao modo de encarar a vida, isso. Isso se dá porque a literatura é um processo contínuo, que se desenvolve acompanhando de perto as mudanças que ocorrem na sociedade. Por isso para se compreender bem um estilo literário, deve-se estudar não só as obras, mas também a situação-social em que elas foram escritas. (Tufano 1999, p.10).

A antiga Grécia, foi muito importante para o desenvolvimento da literatura, mas apesar da literatura ter surgido na região da Suméria ao sul da Mesopotâmia, teve seu ápice na Grécia onde a sociedade da época era bem mais avançada. Um dos seus principais contribuintes na literatura foi Homero, um dos mais importantes poetas épicos da Grécia antiga, a qual se atribui a autoria dos poemas épicos da história, Ilíada e Odisseia.

A epopeia de Homero já era um texto fundamental para os gregos havia muitas gerações. Para Alexandre, adquiria a importância de um texto quase sagrado, e é por isso que sempre o levava consigo em sua campanha. (Puchner, 2019).

De fato, os gregos foram muito importantes para a literatura, pois além de terem criados as formas épicas e líricas da poesia, eles também foram responsáveis pelo desenvolvimento do drama, que de certa forma foi muito importante para a literatura e principalmente ao universo teatral.

Uma reformulação da tragédia clássica, defendendo o surgimento do drama, uma peça teatral autônoma que inclui elementos da tragédia e da comédia, em atendimento à nova sociedade, ao homem renovado do romantismo e à necessidade de uma forma de expressão diferenciada. (Costa, 2008, p.20).

Ainda na Grécia podemos ver o surgimento da tragédia e da comédia nas produções literárias, que logo em seguida, seria implantadas nos seus teatros. Onde os dramaturgos ensaiavam com seus atores músicas compostas por eles, assim como as suas coreografias, incorporando assim as canções e as danças, exultando a literatura como arte nos palcos. Podemos então perceber que desde os seus primórdios, a literatura sempre foi bem recebida pelo público, como forma de entretenimento dentro da sociedade, seja ela de forma escrita, ou apresentada dentro dos teatros.

De fato, os textos literários são de suma importância e irrelevância ao longo da história, pois ela sempre esteve lado a lado caminhando com o homem e se transformando à medida que o mundo se transforma. Ela reflete nas relações com o homem, como a arte que fundi o literário entre a vida real e a imaginária, criada para despertar no mundo e nos seus leitores emoções e sentimentos, promovendo experiências incríveis em suas vidas.

Viver simbolicamente uma infinidade de vidas alternativas junto com os personagens de ficção e, desta forma, ter elemento de comparação mais variadas. A leitura de bons livros traz também ao leitor o contentamento de descobrir em um personagem alguns elementos em que se reconhece plenamente. Lendo história, de repente descobrimos nelas umas pessoas que, de alguma forma são idênticas a nós mesmos, que parecem uma espécie de espelho. Como estão em um outro contexto e são fictícios, acabam nos ajudando a entender melhor o sentido dos nossos próprios experiências. Essa dupla capacidade de nos carregar para outros mundos e, paralelamente nos proporcionar uma intensa vivência enriquecedora é garantia de grandes prazeres de uma boa leitura. (Machado 2006, p.20).

Todos os tipos de literatura são importantes, pois elas são capazes de sobreviver ao tempo, transpondo assim várias épocas e séculos, sendo passados de geração a geração por povos, civilizações que as mantêm vivas, e são contadas por gerações de leitores que se interessem por seus conteúdos.

A literatura é uma espécie de documento, que registra deis das mais antigas a mais atual, a história do seu povo e sua comunidade.

Todo documento, seja ele literário ou de qualquer outro tipo, é a representação do real, que se aprende e não se pode desligar de sua realidade de texto construído pautado em regras próprias de produção inerentes a cada gênero de escrita, de testemunho que cria “um real” na própria historicidade de sua produção e na intencionalidade da sua escrita. Desta forma todo tipo de texto possui uma linguagem específica, na qual foi produzido, própria de um segmento particular de produção, e esta ocorre considerando dadas as regras peculiares ao meio intelectual de onde emerge ao veículo em que será veiculada e ao público a que se destina. (Chartier 1990, p.62-3).

As antigas civilizações do oriente médio, foram importantíssimas para um grande acervo literário. No Egito por sua vez, foram uma das primeiras civilizações no desenvolvimento da escrita, eles utilizavam figuras de animais, ou partes do corpo humano ou até mesmo objetos que faziam parte do seu dia a dia como forma de registrar a sua história.

Séculos depois, especificadamente nos séculos, XII a XIV, na era medieval, surgiram alguns movimentos literários, que são denominados como um conjunto de todos os acontecimentos históricos envolvendo a literatura, que vai da invenção da escrita até os dias de hoje. Esses primeiros movimentos literários, foram chamados de trovadorismo, que foi um movimento que surgiu na Europa durante a idade média, onde suas principais características eram as cantigas de amor, de amigo, escárnio e maldizer, onde foi considerado o primeiro movimento literário da língua portuguesa.

Logo em seguida temos a criação do movimento literário denominado humanismo, esse movimento teve seu início na Itália, logo após ter se difundido pelo mundo, seu acervo era constituído apenas de poesias, sempre ligadas a música, onde os autores em suas obras, relembavam a mitologia greco-romana, onde eram incrementadas em seus teatros em suas poesias e prosas. Suas principais

características era a de se opor ao teocentrismo, onde Deus estaria no centro das criações literárias dos autores, onde por sua vez o humanismo valorizava o homem em si, como o centro de inspiração literária, assim como exaltação do cientificismo, da natureza e da mulher.

Com o passar dos séculos a Europa começa a embrenhar-se nas grandes navegações, deixando o mundo medieval para trás e adentrando na era moderna, difundindo sua literatura e seu conhecimento em várias regiões do mundo, compartilhando sua cultura, seus costumes enquanto colonizava várias outras regiões.

Nasce então no século nos séculos XVI a XVIII, um período denominado Renascimento, constituído como um movimento importante de ordem científica, cultural e artística, que se constituiu como a passagem da idade média para a era moderna. No mundo das artes o homem passa a ser o centro do universo como oposição ao teocentrismo, como também a ciência passa a ser tema central das obras e da apreciação humana, tornando o Renascimento o berço do Racionalismo, onde a razão passou a nortear como centro da sociedade.

Logo em seguida temos os períodos históricos denominados Barroco no século XVI, que surgiu como forma de “ressuscitação” do teocentrismo, colocando não mais o homem ou a ciência como centro do universo, mas sim Deus como centro de tudo. Suas principais características era a exaltação do divino, com traços bem marcantes nas pinturas, esculturas e literatura com a missão de resgatar as ideias teocêntricas e conter a reforma protestante conduzida por Martinho Lutero.

Logo após, no final do século XIX adentrando ao século XX, passamos por mais uma transformação na literatura e adentramos a uma nova era denominada era romântica ou moderna, surgindo nos movimentos literários de Portugal, onde seus principais movimentos foram o Romantismo que ficou marcado pela ascensão da burguesia e da individualidade, deixando para trás valores clássicos e inaugurando a modernidade nas artes. O Realismo como o próprio nome já diz, foi um movimento que ficou marcado pela manifestação cultural, significando um olhar mais realista sobre as relações humanas.

Ainda na era romântica, surgiu com a publicação do livro O artista de Eugênio de Castro em 1890, o movimento denominado Simbolismo que se desenvolveu no ramo das artes plásticas, teatro e literatura surgido na França no final do século XIX, contrapondo-se ao Naturalismo e o Realismo.

E por fim temos o último desses movimentos da era moderna, denominado Modernismo, que se manifestou na metade do século XX, e diversificou no campo da arte, como pintura, literatura, arquitetura, escultura, música e danças, que tinham como objetivo romper com as tradições passadas, adentrando a uma era moderna, tendo em vista os avanços tecnológicos e nas revoluções industriais, e aos eventos da primeira guerra mundial, como também o surgimento dos regimes totalitários pelo mundo.

2.1 A literatura no Brasil

Não muito diferente da realidade vivida pela literatura espalhada pelo mundo, a literatura brasileira possui diversos textos que marcaram época como também a sua história. Sua literatura ainda não possuía características próprias, pois a sua principal influência advinha da literatura portuguesa. Mas no grande período da colonização no Brasil, como da proclamação da independência, surgiram os primeiros textos escritos em solo brasileiro oriundos das cartas de Pero Vaz de Caminha que era escrivão do navegador Pedro Alvarez Cabral no ano de 1500, enviados ao rei de Portugal, contando sobre a descoberta do novo continente.

Esta terra, senhor, me parece que da ponta que mais conta o sul vimos até a outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvermos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. Tem, ao longo do mar, nalgumas partes, grandes barreiras, delas vermelhas, delas brancas; e a terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta, é tudo praia-palma, muito chã formoso. E o capitão mor mandou em terra no batel a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que ele começou aos três, de maneira que chegas batel à do rio, já ali havia dezoito ou vinte homens. Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas, nas mãos traziam arco com suas setas. Vinham todos rijos sobre bete; e Nicolau Coelho fez sinal que posassem os arcos. E eles pousaram. (Cereja 2005 p.97).

A descoberta do solo brasileiro, como também da habitação dos índios naquelas praias rendeu um assunto que ficou marcado na história, não só nas cartas enviadas ao rei, mas como viria a influenciar de forma significativa na literatura brasileira. Esse período de descobrimento que vai do ano de 1500 a 1600, ficou conhecido como quinhentismo, onde sua literatura se caracterizava como literatura de informação, relatando a história do Brasil, sua fauna e flora e os povos nativos.

Com a chegada da companhia de Jesus em 1549, cujo o objetivo dos jesuítas eram a de catequizar os índios que viviam naquela época, o acervo literário escritos por eles, contribuíram para a literatura produzida brasileira através dos sermões, poemas, cartas de vários religiosos. Desta forma a literatura produzida por eles, passou a ser considerada como a mais importante do século XVI, com a missão de evangelizar os índios nos preceitos do cristianismo, padres como José de Anchieta, foi um dos principais escritores da época ao escrever grandes poemas.

Não há cousa segura. Tudo quanto se vê vai passando. A vida não tem dura.
O bem se vai gastando toda criatura passa voando. Em Deus, meu criador,
está todo meu bem e esperança. Quem serve a tal Senhor não faz mudança.
Contente assim, minha alma em calma, buscando a outra vida, na qual deseja
ser toda absorvida. Do pé do sacro monte meus olhos levantando ao alto
cume, vi estar aberta a fonte do verdadeiro lume, que as trevas do meu peito
todas consume. Correm doces licores das grandes aberturas do penedo.
Levantam-se os irrores. Levando-se o degredo e tira-se a amargura do fruto
azedo. (Cereja, 2005, p.108).

Ainda no Brasil colônia, a partir dos anos de 1601, desenvolve-se através dos escritores vigentes da época um novo movimento literário, denominado de Seiscentismo, conhecido por nome de Barroco, que viria a ser o resgate dos princípios e valores, que haviam se perdido na época do renascimento, proporcionando um incentivo a criação de novas manifestações literárias, ocasionadas pela separação vigente entre católicos e protestantes, influenciando na arquitetura, na arte, escultura e cultura

Logo em seguida no ano de 1768, em contraposição ao Barroco, surge o Setecentismo, mais conhecido como Arcadismo, tem seu surgimento e influência do iluminismo, onde os autores em suas obras, buscavam equilíbrio e busca pela perfeição, como tentativa de resgatar as tradições clássicas, como também a valorização do Racionalismo, Bucolismo e Pastoralismo.

O romantismo desenvolvido no Brasil no ano de 1836, foi um dos principais movimentos literários que contribuiu de forma extrema para o acervo literário da época aos dias atuais. Caracterizado pelo distanciamento dos modelos europeus, o romantismo no Brasil, trazia em suas obras elementos e características do povo, assim como a sua cultura e linguagem regional.

Autores como Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias e José de Alencar, foram precursores da criação de uma das tendências literárias mais marcantes no Romantismo, denominado de indianismo, com o objetivo de se opor aos

heróis europeus, que tinham seus cavaleiros como heróis da pátria, o índio seria o símbolo das lutas e vitórias na nação brasileira.

Os movimentos literários, como o Realismo, o Simbolismo e o Modernismo também levaram caminhos diferentes na literatura brasileira, com características próprias, se contrapondo aos modelos europeus. Escritores como Carlos Drummond de Andrade, Oswald de Andrade, Graciliano Ramos, Manuel Bandeira, Vinicius de Moraes, dentre outros, foram importantíssimos pela construção da identidade literário no Brasil.

Creio que, no Brasil, com a 'Antropofagia' de Oswald de Andrade, nos anos 20 (retomada depois, em termos de cosmovisão filosófico-existencial, nos anos 50, na tese *A Crise da Filosofia Messiânica*), tivemos um sentido agudo dessa necessidade de pensar o nacional em relacionamento dialógico com o universal – é o pensamento da devoração crítica do legado cultural universal, elaborado não a partir da perspectiva submissa e reconciliada do 'bom selvagem', mas segundo o ponto de vista desabusado do 'mau selvagem', devorador de brancos, antropófago. Ela não envolve uma submissão (uma catequese), mas uma transculturação; melhor ainda, uma 'transvalorização': uma visão crítica da história como função negativa (no sentido de Nietzsche), capaz tanto de apropriação como de expropriação, desierarquização, desconstrução. (Haroldo de Campos 2004, p. 234-5).

A citação destaca a capacidade da "Antropofagia" de realizar tanto a apropriação quanto a expropriação, desierarquização e desconstrução no passo que isso sugere uma abordagem ativa e transformadora em relação às influências culturais, em vez de uma atitude passiva de absorção. A referência a Haroldo de Campos adiciona uma camada de interpretação e destaca a relevância contínua dessa abordagem ao longo do tempo, onde nessa perspectiva desafia a ideia de uma simples assimilação cultural, propondo uma relação mais complexa e crítica entre o nacional e o universal na construção da identidade brasileira.

2.2 O que é literatura?

De forma geral, a literatura vem a ser uma das formas de representação da arte, ainda nos primeiros registros da civilização humana registrada através de desenhos e escritas rupestres nas paredes das cavernas, como forma de ilustração do mundo lá fora, da representatividade da vida daquelas pessoas. Dali por diante, foram surgindo ao longo da história, várias manifestações artísticas, com o intuito de

representar o mundo real e fictício, representando assim a cultura e a história de um povo.

Ao longo de várias outras manifestações artísticas, como a dança, a música, o teatro, escultura, arquitetura, dentre outras, a literatura como arte, representa, a linguagem, comunicação, sendo representada como a arte das palavras. Toda produção artística, que surge através da criação exploração e procedimentos, estão ligadas ao tempo, a cultura e história e tradições da sociedade, e com isso as obras literárias, são a expressividade de toda uma época.

A literatura surge de uma necessidade de artigos civilizações, de transmitir as gerações futuras, a sua história, e que com o tempo foi mudando de meras figuras nas rochas, para papiros e pergaminhos através da linguagem escrita. Sua origem ainda em Roma, só era vista e compreendida apenas como o ato de escrever e registrar a história do povo romano daquela época.

Este conceito de literatura perdurou até por volta do século XVIII, até que a poesia também começou a ser considerada como literatura. Só a partir do século XIX, foram acrescentadas a prosa, os romances, contos etc... daí em diante todas as outras formas de escrita, sendo através de livros, cartas, pedras, dentre outras coisas, podem ser consideradas como literatura.

Mas, todavia, para um texto ser considerado de cunho literário, ele deve atuar no ramo da arte, ou seja, no ramo da ficcionalidade, que surge através do pensamento do escritor. Seus objetivos é de provocar diferentes efeitos de sentidos, como alegria, tristeza, emoção nos leitores ou ouvintes.

De forma geral, a literatura não precisa estar intrinsecamente ligada a realidade, mas pelo contrário, ela é capaz de modificar a realidade, fazendo com que o leitor veja a vida de uma outra perspectiva.

Nenhuma arte pode refletir por inteiro a realidade. A criação literária verdadeira (...) a realidade e somente a realidade com todo seu ardor e sangue, sua paixão e seus clamores. Ela simplesmente acrescenta algo que transfigura a realidade. (Albert Camus 1942, p. 14).

Podemos compreender que a literatura concentra toda a sua essência nas suas palavras onde ela representa recriação da realidade em que vivemos, sendo

produzida de maneira artística pelo autor, levando o leitor a conhecer o mundo real ou fictício em diferentes contextos, provocando assim diferentes sensações e reflexões.

Uma história da literatura é, pois, uma história das diferentes modalidades da apropriação dos textos. Ela deve considerar que o 'mundo do texto', usando os termos de Ricoeur, é um mundo de objetos e de performances cujos dispositivos e regras permitem e restringem a produção do sentido. Deve considerar paralelamente que 'o mundo do leitor' é sempre aquele da 'comunidade de interpretação' (segundo a expressão de Stanley Fish) à qual ele pertence e que é definida por um mesmo conjunto de competências, de normas, de usos e de interesses. O porquê da necessidade de uma dupla atenção: à materialidade dos textos, à corporalidade dos leitores (CHARTIER, 2002, p. 255, 257).

Essa citação de Roger Chartier destaca a complexidade inerente à história da literatura, sublinhando a importância de compreender tanto o "mundo do texto" quanto o "mundo do leitor". Chartier destaca que uma história da literatura deve considerar as diferentes maneiras pelas quais os textos são apropriados ao longo do tempo, isso implica reconhecer que a interpretação e a recepção de um texto são variáveis, moldadas pelas práticas culturais e sociais de diferentes épocas.

3 LITERATURA INFANTIL

Entende-se como literatura infantil, como um ramo da literatura dedicada a faixa etária que vai da criança ao jovem. Em sua maioria estão escritas histórias fictícias, seja ela infantis, novelas, poemas, contos, folclóricas e assim por diante.

A literatura infantil nasceu por volta do século XVIII, nascendo a partir de uma necessidade de uma literatura voltada para o público infantil, tendo em vista que as crianças naquele período não eram muito reconhecidas no ramo da literatura, e por esta razão eram obrigadas a consumir a literatura adulta daquela época. Com isso a burguesia europeia, viu uma necessidade de adequar suas obras clássicas, como contos folclóricos, lendas que serviram de fonte primária para a criação dos contos de fadas.

É necessário ver a criança como um tipo de indivíduo que merece considerações especiais contendo-o no eixo a partir do qual se organiza a família, cuja responsabilidade maior é permitir que seus filhos atinjam a idade adulta de maneira saudável e madura. (Zilberman 1985, p.15).

Essa busca de introduzir a criança no mundo literário, renderam a literatura infantil, uma gama de obras que cresceram ao longo do tempo. Antes as crianças eram tratadas como adultos em miniaturas, mas logo se viu a necessidade de criar um conteúdo que fosse de fato para sua faixa etária, e com isso todo seu material didático, histórias, poesias, poemas, dentre outras foram ganhando ilustrações para possibilitar um momento lúdico no meio infantil.

Essa descoberta e desenvolvimento da literatura infantil, leva a criança a ver o mundo a sua volta com outro olhar, aguçando assim a sua capacidade de criar e recriar através da literatura, um mundo imaginário onde a realidade e a fantasia possam estar inteiramente ligadas na capacidade de criação da criança.

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o mundo, o mundo, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização. (Cagneti 1996 p.7).

Podemos perceber que a literatura infantil, tornar-se importantíssimo e indispensável, não só nos meios institucionais como escolas, creches, mas em toda a sociedade como um todo, contribuindo assim para o desenvolvimento intelectual, e emocional da criança e adolescente. Surgi então a partir das obras de Esopo, um grande escritor da Grécia antiga, os primeiros registros de uma literatura voltada para o público infantil, suas fábulas, serviram de grande inspiração para os demais escritores ao longo da história.

Jean de La Fontaine, foi um importantíssimo poeta e fabulista francês que contribui deis dos primórdios da literatura infantil, até os dias atuais. A lebre e a tartaruga, o lobo e o cordeiro, dentre outras obras, foram e são contados até os dias de hoje, sendo consideradas, uma das mais conhecidas não só pelo público infantil, mas para diferentes faixas etárias no ramo literária. Em suas fabulas, os animais começavam a ganhar aspectos humanos, como falar, pensar, incrementando em suas obras um novo modo de contar histórias, que rendeu ao escritor um estilo único e inovador na literatura.

Mas somente no século XVIII, através das obras do francês Charles Perraut, que a literatura infantil começou a ter maior destaque no ramo literário, dando ao escritor o título de pai da literatura infantil. Obras como a Bela adormecida, o gato de botas, chapeuzinho vermelho, pequeno polegar, cinderela dentre várias outras obras, que renderam ao escritor reconhecimento internacional, contribuindo não só na literatura de vários escritores pelo mundo, mas como também nos teatros e filmes nos dias atuais.

Todo este grande acervo literário voltado para o público infantil, foi pouco a pouco tomando os corações e o interesse do público mais velho. De fato, as obras do escritor Perraut, não conquistou somente as crianças, mas também pessoas de todas as idades, contribuindo e ganhando força pelas mãos de outros escritores a continuidade do seu trabalho.

3.1 Literatura Infantil no Brasil

Os primeiros registros de literatura infantil no Brasil, datam por volta do começo do século XIX, a partir da implantação da imprensa régia, que tinha por finalidade, imprimir a legislação e papéis diplomáticos também quaisquer outras obras

produzidas naquela época. Contudo nos anos de 1920, o acervo literário de literatura infantil eram apenas obras europeias que eram traduzidas e adaptadas para o público brasileiro.

Ainda nos anos de 1886, começou a surgir alguns contos voltados para o público infantil. Escritores como Júlia Lopes de Almeida, Adelina Lopes Vieira, e adentrando ao século XX escritores como Olavo Bilac e Coelho Neto dentre outros, iniciaram no Brasil seus primeiros trabalhos de cunho infantil, genuinamente brasileiro.

Nasce então na cidade de Taubaté, São Paulo em abril de 1882, aquele que viria ser considerado no Brasil, o pai da literatura infantil brasileira, obras como Narizinho Arrebitado, Sitio do Pica-pau amarelo, dentre outras, renderam ao escritor Monteiro Lobato o título de escritor pré-modernista com suas obras inovadoras no ramo da literatura infantil.

A insistência e o senso de oportunidade com que Monteiro Lobato intercala instrução e educação em suas narrativas, mesmo os menos propícios a inserções didáticas, renderam, denudam, esclarecem sua preocupação de fazer de sua literatura para crianças e jovens um veículo de formação intelectual e moral. (Barbosa 1997p.85).

Rompendo com os padrões europeus, Monteiro Lobato, desenvolveu em suas obras, características tipicamente brasileiras em seus personagens, integrando em suas histórias, as nossas lendas, costumes e folclores, com características próprias da cultura da cultura brasileira. Em suas obras, podem-se perceber a paixão pela sua pátria, como também críticas a questões sociais de sua época.

Monteiro Lobato cria, entre nós uma estética da literatura infantil, sua obra constitui-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Sua obra estimula o leitor a ver a realidade nacional nos aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa, sempre, espaço para a interlocução com o destinatário. A discordância é prevista. (Cademartori 1986 p. 51).

Através das adaptações dos contos dos irmãos Grimm, grandes estudiosos no ramo da História e da Filologia, mas que receberam maior destaque na literatura no começo do século XIX, Monteiro Lobato escreveu obras que ganharam maior destaque na literatura infantil como: a menina do narizinho arrebitado, reinações

de Narizinho, fábulas de narizinho, Emília no país da gramática, memórias de Emília, Jeca tatuzinho, dentre outras.

os irmãos Grimm foram os grandes responsáveis pelo preenchimento das horas de lazer da sociedade brasileira, desde o primeiro quartel do século passado, quando o Brasil se torna independente e busca inaugurar literatura própria, sob os influxos do romantismo. Especialmente da sociedade imperial. (Brandão 1995, p.65).

Uma frase bem popular de Monteiro Lobato dizia “um país se faz com homens e com livros”, mas logo após sua morte, a literatura infantil no Brasil, ficou refreado por um longo período, só então na década de 70, com uma tentativa de erradicar o crescimento do analfabetismo no Brasil, houve uma retomada na criação e no desenvolvimento desse gênero literário no país. Após várias tentativas e investimentos na alfabetização de adultos com o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) e sem muitos resultados positivos, viu-se a uma necessidade de investimentos na educação básica, e com isso valorizar os livros como ferramenta para o desenvolvimento cognitivo, moral e intelectual das crianças.

O MOBREAL concebe a educação como investimento, como preparação de mão-de-obra para o desenvolvimento inquestionável, isto é, como estava sendo concebido pelo Modelo de Brasileiro de Desenvolvimento. Assim sendo, o que tem de fazer é realmente usar esse método antidialógico, que em nenhum momento possibilita a horizontalidade com o MOBREAL/CENTRAL de onde emanam os objetivos a serem atingidos. Então, o processo de alfabetização passa a ser o momento em que a preocupação é com o ensinar a palavra, treinar o aluno para ler e escrever a palavra já que traz o significado adequado. A ênfase na decodificação da palavra, na aprendizagem das técnicas de ler e escrever, facilita o desenvolvimento de habilidades que permitem a apreensão de informações que fazem o alfabetizando entrar no grupo de que participam do desenvolvimento. Esse método propõe situações de análise e de síntese relacionando as com uma palavra que representa a realidade que deve ser alcançada, desejável, onde já estão os grupos que contribuem para o desenvolvimento (Jannuzzi, 1987:65).

Só então nos anos de 1980, com o avanço da escolarização, pode-se perceber um crescimento elevado de obras, destinado ao público infantil, onde os escritores começaram a criar obras de qualidade, que retratassem o universo da criança. A partir daí, as histórias apresentavam questionamentos entre a criança e o mundo, onde a ludicidade, ou seja, as ilustrações passaram a ocupar o mesmo espaço da escrita.

4 LITERATURA INFANTOJUVENIL

A literatura infantojuvenil, faz parte de um dos ramos da literatura, mas que se dedica especialmente em padrões de obras literários destinados a crianças, adolescentes e jovens, onde em sua maioria são obras de cunho fictício, biografias, novelas, folclore, poemas, dentre outros gêneros. Sua produção diferente da literatura da literatura infantil, onde tais obras são constituídas em sua maioria com poucos textos e mais imagens e ilustrações coloridas, voltadas especialmente para um público entre dois a cinco anos, a literatura infantojuvenil, é mais voltada para um público com faixa etária que vai do adolescente ao jovem, com mais textos ou menos ou quase nada de imagens.

Com as transformações literárias ocorrendo no período do século XVII, e com determinados ajustes ocorrendo entre as relações afetivas e sociais, acarretou em uma transformação e adaptação na literatura infantil, surgindo com isso um novo conceito intitulado de literatura infantojuvenil destinado a crianças mais velhas, tendo sua origem no início do século XVIII. Com as mudanças acontecendo na sociedade europeia, e com a quebra paradigmática, onde a criança era vista como um adulto em miniatura, a literatura infantojuvenil, torna-se notável e valorizada, visando assim as necessidades o público infantil.

A literatura infantojuvenil demarca um conjunto de produções literárias a toda e qualquer manifestação do sentimento ou pensamento por meio de palavras. Define-se não apenas pelo texto resultante dessa manifestação, mas também por se destinar a um determinado público, o qual têm da sua parte, características específicas: pertence a uma faixa etária, uma estimulação familiar, uma relação com o mundo da escola e um convívio com a sociedade, enfim, trata-se de uma criança que ainda não ultrapassou uma situação que se é temporária e transitória, não deixa de se mostrar. Uma maneira de compreender o mundo é através da literatura infantojuvenil, sua função é exatamente fazer com que a criança tenha uma visão mais ampla de tudo que o rodeia, tornando-se a mais reflexiva e criativa, frente à realidade social em que vive e atua, desenvolvendo seu pensamento organizado. Silva, 2006, p. 5).

Tais mudanças foram necessárias, tendo em vista as transformações da sociedade da época, onde a comunidade social passou a valorizar a comunidade infantil, produzindo uma literatura voltada para elas a partir do momento em que a criança não é mais vista como um adulto em miniatura, necessitando de um atendimento próprio para sua faixa etária.

Impulsionados por esse novo contexto em que a literatura estava passando, muitos escritores escreveram temas voltados para jovens e crianças buscando inseri-los na literatura, só que desta vez com temas que fossem agradáveis para elas, o que acarretou no alavancamento da literatura infantojuvenil no mercado literário.

Tal consolidação da literatura infantojuvenil, no século XIX, faz com que a nova geração de autores, passasse a incrementar em suas obras temas mais sofisticados, que fossem destinados tanto para crianças maiores como para jovens. No Brasil por sua vez, temos o gênero literário aparecendo no final do mesmo século, através da contribuição de grandes escritores como Silvio Romero, Júlia Lopes e Câmara Cascudo, onde suas obras eram resultadas das traduções das clássicas histórias europeias e das coletâneas do folclore nacional.

Em relação ao folclore nacional, inseridos na literatura infantojuvenil no Brasil, surgiram histórias como: Saci, Currupira, Lobisomem, Iara, Mula-sem-cabeça, Boto, Vitória Régia, dentre outras. No modernismo, escritores como Mário de Andrade, que foi um importante escritor na consolidação do movimento modernista no Brasil, onde em sua obra intitulada *Macunaíma*, consolida na literatura infantojuvenil, uma construção da identidade e cultura brasileira. Mas, contudo, somente nas mãos do escritor Monteiro Lobato, que a literatura infantojuvenil, atinge maior divulgação e reconhecimento no território nacional.

O público juvenil, já com uma faixa etária maior que a infantil, tem mais facilidade de interpretar uma história, analisando os fatos que se passa no contexto literário deixado pelo escritor, deixando assim a parte lúdica, e adentrando em histórias com contexto de vida mais específicos.

Idade dos livros de gravuras e dos versos infantis (de 2 a 5 ou 6 anos). A criança faz pouca distinção entre o mundo interior e exterior; (idade e pensamento mágico). Idade das "histórias ambientais" ou de leitura "factual" (de 9 a 12 anos). Fase da construção de uma fachada prática, realista, ordenada racionalmente, diante de um pano de fundo mágico aventureiro (...). Idade das histórias de aventuras: realismo aventureiro, ou a fase da leitura não psicológica orientada para sensacionalismo (de 12 a 14 ou 15 anos) (...) os anos de maturidade ou desenvolvimento de esfera estética literária de leitura (de 14 a 17 anos). (descobrimto do mundo interior de egocentrismo crítico e de vária escalas de valore). (Foucambert 1994, p.22).

Compreende-se, contudo que a literatura infantojuvenil não corresponde a um mero padrão pré-definido, já que seu interesse, seja por seu estilo, gosto literário

cabe ao leitor que aprecie este tipo de gênero independentemente da idade ou sexo. Tal literatura se remete a arte, e traz para seu público, a fantasia, a ludicidade, atraindo o seu leitor para o gosto pela literatura, cooperando na educação e na formação cognitiva que vai da criança ao mais velho.

Leitores podem ser descritos como pessoas aptas a utilizar textos em benefícios próprios, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por motivos religiosos, seja por puro e simples entretenimento. (Azevedo 2004 p.114)

Vale ressaltar que a literatura destinada ao público infantojuvenil, é escrita em sua maioria por adultos, cuja a intensidade do escritor, é o de atender ao máximo as expectativas de cada leitor. Contudo o leitor infantil e juvenil, pode ter uma interpretação contrária esperada pelo escritor, onde o mesmo, pode tirar suas próprias conclusões e interpretações, como também adequações na história lida.

A literatura infantojuvenil enfrenta inúmeros desníveis no relacionamento emissor-receptor (...) é característica no sentido de que o seu produtor é um adulto que deseja chegar ao nível da criança e do jovem, sendo-lhe impossível, obviamente, desfazer-se de seu "status" de adulto (...) o adulto enquanto responsável pela produção, divulgação assim como pela escolha do texto infantojuvenil. É ele quem escreve, edita, vende, compra, aplica, esse último, no caso mais específico da escola (e de autores de livros didático) designando ao receptor-leitor, seja ele criança ou adolescente, um papel secundário e passivo diante das possibilidades de leituras no espaço escolar. (Pondé 1986 p.11).

De fato, a literatura infantojuvenil tem esse poder e autonomia de despertar no leitor um senso de criatividade e imaginação, envolvendo o mundo real ao fictício em diferentes contextos, transformando tudo a sua volta, através de várias interpretações de mundo, que o escritor quer repassar ao seu leitor.

5 LEITURA E ESCRITA

Tanto a leitura como a escrita são importantes para o desenvolvimento do aluno na escola, e não podemos falar de leitura sem mencionar a escrita, pois ambas se completam na literatura e na educação. A leitura está atrelada aos textos, pois bons leitores, aprimoram seu vocabulário, enriquecendo assim na sua escrita.

Vamos considerar que o texto escrito apresenta-se como um todo, formado de palavras, expressões, frases que se articulam para possibilitar a construção de sentido pelo leitor. A esse conjunto organizado no papel chamamos de instruções. Isso porque funcionam como orientação para que o leitor execute suas ações na compreensão. (Soares, 2003).

Com a necessidade de transformar os sons da fala em símbolos que pudessem de certa forma expressar a comunicação sem ser através da oralidade, surgiu o que compreendemos hoje como linguagem escrita, onde o seu maior desafio frente a educação, é de levar o aluno a um pleno entendimento as regras que orientam o sistema alfabético.

Ainda na Grécia antiga, os mensageiros dos reis viajavam quilômetros a cavalo para pronunciar a mensagem que os seus superiores gostariam de transmitir aos seus receptores. Nos dias atuais graças ao avanço da escrita e da tecnologia, podemos transmitir e receber informações de várias partes do mundo no momento em que elas acontecem, tudo isto só é possível graças ao avanço e aprimoramento da escrita e tecnologia mundial.

Leitura e escrita se completam, pois no ato de lermos, utilizamos a compreensão dos símbolos, ou seja, dos seus significados e por fim temos o entendimento do que lemos a partir dos seus significados. A leitura pode ser entendida através dos textos impressos como uma busca de conhecimento e compreensão acerca do que se pretende com o ato de lermos, nesse processo, a leitura ativa no nosso cérebro várias ações na mente, que por fim consegue extrair informações, capacitando o individuo em uma constante e crescente comunicação entre leitor e o texto, o que acarreta no ato de descobrir, aprender, desenvolver, reconhecer, e utilizar, esse conhecimento dos signos na linguagem verbal.

Vale ressaltar que um aluno que apenas seja capaz de decodificar as palavras, sem ao menos atingir a compreensão da ideia central contida no texto, não pode ser considerado como um leitor que realmente lê.

Todavia precisamos entender que o aluno enfrenta dificuldades na compreensão da linguagem escrita como toda a sua natureza conceitual. Não é fácil para o aluno aprender a ler e a escrever, como também decodificar o que está lendo de uma hora pra outra, pois tudo isso demanda de um longo processo de aprendizagem e evolução do aluno, o qual constrói o seu caminho rumo a autonomia intelectual, atingindo assim a escrita e leitura com liberdade, e com isso no ato de saber ler e escrever poder ver um mundo cheio de oportunidades através da linguagem.

É preciso conceber o indivíduo como um sujeito cognoscente que procura, de maneira ativa, compreender o mundo que a rodeia que trata de resolver as interrogações que este mundo lhe provoca, que aprende, basicamente por meio da coordenação de suas próprias ações sobre os objetivos de conhecimento que desde pequeno constrói suas categorias de pensamento, que formula hipóteses, ideias, teorias, e também sobre a língua escrita, colocando à prova frente à realidade e confrontando com ideias do outro. (Corazza 1994, p.17).

É importante que na hora da leitura, frente aos textos que leem que eles sejam capazes de perceber e reconhecer não apenas o que está visível, mas também seja capaz de compreender aquilo que está subtendido pelo autor. O professor por sua vez tem o ardo desfio de favorecer diferentes encontros do aluno com o universo da literatura, levando-o a entende que a aprendizagem da leitura e da escrita não se limita apenas ao conhecimento de elementos isolados que constituem a escrita, mas há também um dinâmica de significados culturais.

6 O PROCESSO DE LETRAMENTO NA CONTRUÇÃO DO ALUNO LEITOR

Durante todo seu desenvolvimento, as pessoas passam por diversas fases, onde recebe importantes informações que se desenvolve gradativamente ao decorrer do seu crescimento, tanto cognitivo quanto em sua aprendizagem. Deis dos seus primeiros anos de vida, ela desenvolve a linguagem, começa a engatinhar e em seguida a andar, e com o decorrer dos anos ela vai evoluindo através das interações que seu meio oferece, assim ela vai ganhando experiências e conhecimentos importantes que a construirão como cidadão e facilitarão no processo de alfabetização.

[...]cada um dos estágios passados corresponde a um nível mais ou menos elementar ou elevado da hierarquia das condutas. Mas cada estágio corresponde também características momentâneas e secundárias, que são modificadas pelo desenvolvimento ulterior, em função da necessidade de melhor organização. Cada estágio constitui então, pelas estruturas que o definem, uma forma particular de equilíbrio, efetuando-se a evolução mental no sentido de uma equilibração sempre mais completa. (Piaget, 1999, p. 15).

Todas as fases de desenvolvimento do aluno, de forma alguma estão desligadas uma das outras, seja desde o engatinhar, andar, falar, como também do descobrimento pelos gostos, manias, refeição predileta, que por sua vez vão construindo a personalidade o caráter e preparando-a para a vida e os desafios futuros.

Depois de ter passado por todo esse processo, chega-se a fase que o indivíduo vai aprender com o mundo, a olha-lo com seus próprios olhos, e desenvolver, absolver, construir conhecimento, que irão acompanhá-lo por toda a sua vida e ao longo do seu percurso escolar.

Chegamos então a fase onde o indivíduo ainda criança passa pelo processo de alfabetização e letramento, onde no processo de alfabetização o aluno passa pelo domínio e aprendizagem do código alfabético. Nesse processo ele começa aprender a decodificar, ou seja, interpretar os elementos que constroem a escrita, que por sua vez desenvolve a memorização do alfabeto, conhecendo as letras que compõem nossa língua, formando palavras e frases, construindo pôr fim a competência na leitura e na escrita.

Já no processo de letramento, temos um uso mais aprofundado da leitura e escrita, onde o sujeito por sua vez desenvolve a partir da função social da leitura e

escrita, a competência e a capacidade, na compreensão e interpretação para saber lidar com os textos lidos interpretando-os e criando sua própria interpretação e fazendo por fim o uso dessas competências no meio social através da linguagem.

O letramento é uma extensão da cultura oral e da nossa eterna fascinação por bisbilhotar, fofocar, cantar, dramatizar, compor e fazer trocadilhos, dançar cumprir rituais. Aqui estão as raízes dos padrões linguísticos da sensibilidade fonológica, de desenhar escrever e ler. (Moyses 2010, p.296)

Entendendo que o aluno já conhece e faz uso do alfabeto, ou seja, já é um aluno alfabetizado, faça-se com ele atividade como: formação de palavras, de frases ou até mesmo textos, com o intuito que ele consiga compreender várias informações geradas pela comunidade letrada, sabendo de certo ser um cidadão crítico e dar suas próprias opiniões sobre vários temas. Temos então um processo de alfabetização e letramento, como um ato gradativo, que começa na infância, quando o aluno ainda está aprendendo a se comunicar, e de forma curiosa repete várias palavras, que ao longo do tempo vai enriquecendo o seu vocabulário.

Nesse processo inicial, os pais são importantíssimos para o desenvolvimento do aluno, para que ele comece apresentar comunicação e socialização, através das interações vividas com ele em casa.

Dentro do seio familiar a leitura é mais leve, prazerosa, criando um vínculo maior entre pais e filhos, num primeiro momento com a observação das ilustrações dos livros lidos pelos pais, com a audição de cantigas de ninar, de histórias para dormir, até que a criança se sinta com vontade de retribuir e contar ou ler suas próprias histórias. (Raimundo 2007 p. 111).

Temos então dessa forma os livros literários se encaixando de perfeita forma nessa primeira etapa da escolarização como também em todas as outras, pois através da sua ludicidade apresentando várias imagens, animais, cores, plantas etc... podemos apresentar ao aluno o mundo em que vivemos de diferentes formas, como a noite o dia, terra, lugares, chuvas, dentre vários outros universos que só existem através do olhar e perspectiva literária. Nesse processo a ludicidade dos livros literários, acarretará em uma melhor aprendizagem, onde com facilidade, despertará

no aluno o interesse pelo descobrimento no mistério, na magia, pelo sonho, auxiliando assim na sua interpretação e reflexão e criando gosto pela leitura.

Antes de se iniciar o processo formal de alfabetização a criança pode e deve aprender certas habilidades que serão importantes na aprendizagem da leitura e escrita e terão papel determinante em sua trajetória escolar. (Política Nacional de Alfabetização- PNA 2005, p.22).

Portanto o objetivo da inserção do aluno na literatura no que diz respeito ao seu processo de letramento, é o de estimulá-lo através de novos métodos de aprendizagem, como exemplo os livros didáticos que são oferecidos nas escolas e também dos literários que acabam se tornando um marco na aprendizagem do aluno. Pois os livros literários quando são inseridos e apresentados de forma lúdica em sala de aula, através de dinâmicas que envolvem a leitura de tais obras, torna-se divertido para a criança, o que fará que ela se lembre de tal sensação vivida gerada com aquela leitura.

Um bom livro pode ser um tijolo na construção da vida de alguém. Pode ser um amigo de infância ou um colega de juventude. Muitos livros juntos podem formar um acervo de uma biblioteca ou parte indispensável da bagagem de vida de uma pessoa. (Feijó 2010, p.14).

Na escola uma das fundamentais atividades desenvolvidas em sala de aula na formação dos alunos é o ato da leitura, compreendendo-a como uma extensão da sociedade, da escola e da vida, pois a interação com uma diversidade de textos literários, favorecerá na escrita e leitura, formando com isso leitores e alunos competentes, para aprender e desenvolver suas próprias produções de texto.

7 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTOJUVENIL COMO FERRAMENTA NO INCENTIVO A LEITURA

O processo de alfabetização sempre foi alvo de grandes discursos, deis dos mais antigos tempos e especialistas aos pais que se preocupam deis de cedo com a educação dos seus filhos, como defendido por Ferreiro & Teberosky (1985, p.18) a preocupação dos educadores tem-se voltado para a busca do melhor ou do mais eficaz dos métodos, levando a uma polemica entre dois tipos fundamentais; método sintético e método analítico. Escolher deis de cedo uma escola, para que seus filhos comecem a ler e a escrever pode ser uma tarefa nada fácil nos dias atuais levando em consideração os indices elevados de analfabetismo, onde os principais assuntos debatidos pelos especialistas, são de quais melhorias revolucionarias de ensino possam ser capazes de melhorar a educação no Brasil.

De fato, temos na educação, várias formas de ensinar e de aprender, onde ao longo das décadas, teve a necessidade de pensar e repensar a educação, que aos poucos houve uma mudança de perspectiva de como o aluno aprende e não apenas de como o professor ensina. Algumas escolas em diferentes países usam diferentes formas de alfabetização, como é o caso do método fônico, que faz a associação, como entre as letras e sons, deixando totalmente de lado as famosas cartilhas ainda utilizadas em algumas instituições educacionais.

A literatura sempre esteve atrelada como ferramenta no ensino, onde o aluno começa na escola a ter seus primeiros contatos com a literatura infantojuvenil ainda em seus primeiros anos educacionais, em muitas vezes de forma oral contada pelo professor, onde lhe são contados contos de fadas, fábulas, dentre diversas histórias onde o aluno passa a interagir, acrescentar detalhes, e se imaginar nelas. Portanto é de suma importância que o aluno tenha deis de cedo contato com a literatura, para que ele estabeleça sua identidade e possa compreender o mundo a sua volta, atizando assim a sua cognição e sua imaginação, tendo em vista que a literatura infantil ou juvenil desperte todo o imaginário, como também seu potencial criativo e suas fantasias.

Que seria, pois muito importante que a escola procurasse desenvolver no aluno formas ativas de lazer- aquelas que tornam o indivíduo crítico e ativo, mais consciente e proativo. A literatura teria papel relevante nesse aspecto. (Cunha, 2006, p. 47).

É de amplo conhecimento que a cultura de ler e escrever, sempre esteve atrelada e diferenciada até mesmo nas classes sociais, assim como em lugares frequentadas pelas pessoas “letradas”. No presente século em pleno desenvolvimento tecnológico tal qual o pensamento preconceituoso de pessoas que se consideram cultas na literatura em detrimento de outros menos letradas, pode ser considerado um retrocesso no desenvolver da sociedade, pois deis do ensino na escola a literatura deve ser levada e incentivada e disponibilizada ao alcance dos mais pobres e segregados da sociedade, para assim conseguirmos uma igualdade na educação de qualidade e de fácil acesso para todos.

O ato de ler é incompleto sem o ato de escrever. Um não pode existir sem o outro. Ler e escrever não apenas palavras, mas ler e escrever a vida, a história. Numa sociedade de privilegiados, a leitura e a escrita são um privilégio. Ensinar o trabalhador apenas a escrever o seu nome ou ensina-lo na carteira profissional, ensina-lo a ler alguns letreiros na fábrica como “perigo”, “atenção”, “cuidado”, para que ele não provoque algum acidente e ponha em risco o capital do patrão, não é suficiente. (Godotti 1988, apud Oliveira, Dalla 2011).

Um fato alarmante no cenário da educação no Brasil, se deve a rede pública de ensino que na sua grande maioria há um atraso na alfabetização dos alunos que se encontram nos anos finais da escola. O fato é que nem a escola como também os pais em casa não os incentivam de forma adequada, para que haja uma mudança nesse cenário de atraso na alfabetização, que realmente é preocupante em nossos dias.

Saber ler e escrever é importante na vida das pessoas de tal modo que as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), apresenta em seu artigo 32 do parágrafo IIV, onde estabelece que no ensino fundamental, viabilize a aquisição e domínio da leitura e da escrita, preparando o aluno progressivamente para compreensão dos problemas humanos como também ao acesso aos conhecimentos.

A leitura é uma característica da sociedade urbana industrial moderna. Saber e poder ler e escrever é uma condição tão básica de participação na vida econômica cultural e política que a escola se tornou um direito fundamental do ser humano. (Castello, 2005 p.09).

De fato, a literatura é importante para a construção intelectual e fundamental para a formação de qualquer pessoa, pois nela vai toda a sua ciência, e

principalmente a cultura atrelada a ela, que resulta por sua vez na formação de cidadãos mais conscientes. A literatura deve fazer parte da vida do indivíduo não só na vida adulta, mas deve ser implantada na vida da criança desde dos seus primeiros anos de vida, criando desde cedo hábito de ler e conseqüentemente escrever.

A leitura ao ser introduzida desde cedo na vida do aluno, vai se tornando importante para ele e com isso vai aprofundando nele seja qual for a fase da sua vida, pois ele compreende esse ato como um ambiente natural e facilitador, quebrando o estigma que o aluno só deva ter tal contato com os livros somente no ambiente escolar. Observa-se por tanto que a literatura sempre será uma das principais formas tanto de ensinar como há de incentivar a ler e a escrever facilitando no processo de construção do aluno leitor

A capacidade de educadores para perceber a riqueza e a estrutura do livro de literatura é uma das alternativas para não reduzir a literatura a uma abordagem meramente pedagógica. Explorar o livro, sua narrativa, suas ilustrações, seu significado é um recurso que deve ser abordado com competência e criatividade. Para isso, o professor também precisa saber ser leitor diário do livro de literatura, na interpretação coletiva, feita com alunos e professor e no registro, que se ouve, mediado obviamente pelo professor, leva à compreensão do velho e à possibilidade de criação do novo, o modo de trabalhar a literatura em sala de aula requer identificar a forma como se trabalha, envolvendo a interpretação do texto, a exploração do livro a coligação do autor e do ilustrador com o que pretendem passar d história narrada estimulando a curiosidade e o desejo de dialogar sobre o livro. (Faria 2004).

Nos dias atuais onde os meios tecnológicos como jogos, vídeo games dentre vários outros meios de entretenimento tem tomado dia após dia o incentivo e o espaço da literatura na vida do educando, se torna um trabalho árduo para o professor em saber conciliar esses dois universos em um só espaço. Como bem sabemos desde os primórdios da educação, o livro de literatura infantojuvenil é uma poderosa ferramenta nas mãos dos professores e especialmente para a escola, sendo usada adequadamente e de forma significativa em sala de aula, ela se torna uma excelente aliada no processo de desenvolvimento e na aprendizagem, formando um senso crítico e ativo, ao mesmo tempo que o aluno explora sua criatividade, imaginação e valores em muitos casos perdidos pela atual sociedade.

Saber ler se compara a um passaporte que ajudará o leitor a viajar e conhecer outro mundo, o mundo dos leitores. Quando uma pessoa sabe ler bem, não existem fronteiras para ela. Ela pode viajar não apenas para outros países, mas também no passado, no futuro, no mundo da tecnologia, na natureza, no

espaço cósmico. Descubra também o caminho para a porção mais íntima da alma humana, passando a conhecer melhor a si mesma e aos outros. (Bamber 1987, p.29).

O incentivo à leitura com base na literatura infantojuvenil, deve ser um trabalho não tão somente da escola, mas principalmente da participação da família na vida do educando, pois o ambiente familiar tem forte influência nas experiências que o aluno vive no seu dia-a-dia, onde afeta de forma significativa no seu desenvolvimento. Da mesma forma o hábito à leitura em casa, ajuda o aluno a ter um melhor desempenho escolar durante sua infância e após ela, contribuindo assim durante toda sua vida.

Segundo pesquisas mostram, alunos que tem o hábito de ler em casa, se torna um aluno mais participativo, que sabe se colocar no lugar do outro, desenvolve uma fértil imaginação e absorve com mais facilidade o conhecimento transmitido. Já um aluno que não partilha dessa mesma vivência com a leitura, pode apresentar mais dificuldade tanto na socialização, quanto em várias áreas da aprendizagem. É de suma importância que o aluno tenha uma base educativa familiar sólida, para que ela desenvolva habilidades cognitivas com mais facilidade, que irão ajudá-la durante toda a sua vida no processo de ensino aprendizagem, entendendo que esse processo não acontece somente no ambiente escolar, mas também no seio familiar, promovendo assim desde cedo um importante incentivo à leitura e a escrita.

A obra de educação e preparo deve começar na infância, pois nessa fase a mente é mais suscetível de receber impressões, as lições dadas serão lembradas. Na escola do lar, as crianças devem ser educadas praticamente do berço até a maturidade. E como no caso de qualquer escola bem organizada, os próprios professores obtêm conhecimentos importantes. (White 2014, p.19).

Dar um livro ao indivíduo ainda nos seus primeiros anos de vida é permitir-lo a ser inserido em um mundo novo, onde antes se achava que somente os adultos poderiam ter acesso a literatura infantojuvenil, através da sua ludicidade cheia de cores, desenhos, formas, animais e pessoas, proporciona ao aluno um olhar encantador em cada folha, realizando nela um gosto pela aprendizagem, pela curiosidade em novas descobertas em uma boa história.

Por esta e por outras razões, sempre é bom e importante ouvir e contar histórias, pois através disso, aprendemos a partir das experiências que ouvimos através das histórias que os outros contam, o que por sua vez ampliam o nosso

conhecimento. Ouvindo ou contando histórias, podemos sentir emoções, como alegria, tristeza, medo, irritação, etc... pois a literatura tem essa função de despertar no leitor tais sentimentos que por sua vez em relação ao aluno desenvolve neles tanto aspectos emocionais, como sociais e cognitivos.

Levar o faz de conta até os alunos é sustentar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a muitas perguntas... É ouvindo histórias que se pode sentir emoções, como tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, a insegurança. (Alvarez 2011, p.2).

Com o hábito da leitura sendo estimulado no aluno, ela passa a ser instigado a manusear com frequência os livros, construindo assim sua linguagem, oralidade, ideias, como também valores e sentimentos que ajudarão tanto na formação como pessoa, como a ter sua própria leitura de mundo.

7.1 O professor no processo de mediação da leitura

Todo profissional da educação, é imprescindível que esteja munido de habilidades que o autorize a ensinar. Deste modo a Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional-LDB determina por meio dos artigos: 61º a 67º, direitos e deveres do professor. Assegurando o seu nível acadêmico.

O professor ao considerar a língua como um sistema conceitual complexo deve assumir o papel de mediador entre o aluno e literatura, estimulando a reflexão sistemática sobre esse objeto de estudo e posicionando-se como auxiliar na construção dos conceitos a ele relativos, assim o professor possibilitará a produção de sínteses conceituais.

A função do educador não seria precisamente ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. (Martins 1984, p. 34).

Formar professores excelentes não é apenas uma função das instituições, é necessário que o docente tenha interesse pela sua formação como todo. Por este motivo, o processo de formação de professores, ainda é um desafio para a construção e reconstrução de novas práticas pedagógicas. As exigências feitas pelas novas reformas de ensino fundamental requerem também dos professores e das demais

autoridades educativas, uma autoavaliação quanto aos seus métodos de ensino. Entende-se que deve ser respeitado o nível de maturidade cognitiva do aluno, uma vez que ao ingressar mais cedo na escola, podem apresentar níveis de aprendizagem aquém ou além do que se espera e que especificadamente eles estão em fase de desenvolvimento e formação de caráter e, portanto, entende-se que a formação do professor é parte essencialmente relevante para que docentes e discentes sigam de forma harmônica no ensino e aprendizado.

É de suma importância o trabalho do professor no trabalho e desenvolvimento da literatura infantojuvenil em sala de aula. Primeiramente, o aluno escuta a história lida pelo adulto, depois conhece o livro como um objeto tátil que ela pode tocar ver e tentar compreender as imagens por meio da percepção. O trabalho do aluno com a literatura é considerado essencialmente para a formação como futuro leitor.

A essência do trabalho com habilidades de leitura está em desenvolver nos alunos as capacidades de produzir sentidos a partir dos textos que eles leem. O(a) professor(a) deverá trabalhar todas as habilidades necessárias, mas de forma gradual e acumulativa. (Ferrarezi e Carvalho 2017, p. 90).

Com isso, observa-se que a mediação do professor deve ser planejada, levando em consideração a língua oral, seus usos e formas e a língua escrita, seus usos e formas em situação de leitura e produção de textos, análise e reflexão sobre a língua nas modalidades oral e escrita.

Cada conteúdo adquirido tem seu valor fundamental na vida profissional do docente. A extensão de seu currículo e sua experiência é importante, pois, além de se manter atualizado e concorrente no mercado de trabalho, ele se tornará mais competente para ministrar suas aulas. O profissional pode obter diversas formações que são designadas pela Diretrizes através de programas que dão continuidade a formação do professor, porém o docente alfabetizador inicia-se no momento que ele escolhe e assume a profissão, e reconhece que o exercício dessa arte lhe exigirá maiores habilidades, competências e responsabilidades, tomando consciência que a medida que ele ingressa no processo contínuo e infinito de aprendizagem. Sabe-se que somente a formação inicial não é garantia à prática docente de qualidade, sendo ainda necessários muitas experiências e conhecimentos que ainda são importantes a eles.

Sendo assim, é necessário compreender a necessidade do aluno de ter oportunidade e de ampliar suas capacidades de comunicação oral, através de conversas, discussões, comentários, relatos, escutam e cantam música, escuta e reconta história, jogos e brincadeiras, pois é através dessas experiências orais que depende seu sucesso no processo da aquisição da escrita. Percebe-se que o aluno precisa aprender a ler e escrever e apropriar-se do código linguístico-gráfico para tornar-se um usuário de leitura e da escrita, pois essas práticas são ferramentas básicas para o ingresso na sociedade letrada, ou seja, ferramentas para compreensão e para a comunicação entre as pessoas, enfim, a chave para a apropriação dos saberes já conquistadas pela humanidade.

Sabe-se que o professor sozinho não dá conta de todo o processo educativo dos seus alunos, mas não se pode passar despercebido que um agente ativo e mediador, por meio de suas competências pedagógicas pode fazer a diferença no sentido de promover ações que supere as dificuldades e ultrapasse as barreiras que impedem os alunos de ler e escrever, os tornando agente transformadores do mundo em que vivemos através da educação.

Mudar o mundo é tão difícil quanto possível. O educador não deve só ensinar bem sua disciplina, mas desafiar o educando a pensar criticamente a realidade social e política do meio em que vive, mostrar que o homem é um ser social capaz de intervir no mundo e não de se adaptar a ele. Ele pode transformar o mundo através de projetos, sonhos e utopias. (Freire, 2000).

Ainda em relação ao processo de aprendizagem de como se deve ler e escrever, percebe-se que essa aprendizagem abrange dois aspectos: o conhecimento acerca do funcionamento do sistema alfabético e conhecimento sobre a linguagem que usa para escrever, enfim, para aprender a escrever os alunos precisam compreender o que irão escrever e como farão.

O professor deve ser o espelho para que seus alunos o vejam como exemplo e sintam-se despertados pelo desejo da leitura, somente desta forma, desenvolverão nos alunos a vontade pelo ato de ler e escrever que poderá acompanhá-los para a vida toda.

Para que ocorra um bom ensino da leitura é necessário que o professor seja ele mesmo, um bom leitor [...] isto porque os nossos alunos necessitam do testemunho vivo dos professores no que tange à valorização e encaminhamento de suas práticas de leitura. (Silva, 2003, p.109).

Inúmeras pesquisas revelam que professores do ensino fundamental, manifestam inquietações e dúvidas quanto à forma de trabalhar a Literatura infantojuvenil com os alunos. Os textos clássicos, propostos pelos programas curriculares ajudam, mas nem todos alcançam o resultado esperado, principalmente com os adolescentes. É importante ressaltar, que os professores precisam entender que o objetivo principal da aplicabilidade da Literatura infantojuvenil como ferramenta nesse nível de ensino é incentivar a leitura e posteriormente a escrita do aluno.

Segundo Emília Ferreiro e Ana Teberosky, os alunos elaboram conhecimentos sobre a leitura e escrita, passando por diferentes hipóteses espontâneas e provisórias até se apropriar de toda complexidade da língua escrita, baseada em conhecimentos prévios, assimilações e generalizações, dependem das interações delas com seus pares e com os materiais escritos que circulam socialmente. Portanto, a qualificação didática pedagógica e o empenho do professor tornam-se imprescindíveis para o desenvolvimento de práticas de leituras que estimulem e incentivem o aprendizado dos alunos na arte de ler e escrever.

Nosso trabalho, como professores, é formar cidadãos capazes de viver socialmente: trabalhando, participando, criticando. Portanto, precisamos formar cidadãos que possam ler bem, porque o sujeito que não tem um bom domínio de leitura em grande parte a sua possibilidade de participação torna-se limitada. (Castello, 2005, p.13)

Analisando o exposto acima, é possível perceber que o professor precisa propiciar vivências variadas, apresentando ao aluno o mundo letrado, onde tenha oportunidade de experimentar e entender a função de cada gênero textual em sua vida, mesmo não sabendo ainda grafar convencionalmente as palavras. Essa vivência leva o aluno a formular hipóteses sobre escrita, confrontando-as pensando na sua organização, no que representa para sua vida.

Entende-se também, que para estimular e incentivar a leitura de escrita, não é somente dar um livro ao aluno, encaminhá-lo a biblioteca sem objetivo ou ler uma história bonita para que desperte o gosto pela leitura e queira ir além, deve-se sobretudo, desenvolver novas técnicas, novos métodos, além de que, é necessário ludicamente mergulhar-se no universo desse aluno para entender e compreender o

seu mundo e dialogar com todos elementos linguísticos que façam sentido com o tempo e espaço nos quais estão inseridos.

O educador é aquele que se coloca como mediador do conhecimento e não como dono de um saber pronto e acabado. Dentro da concepção dialética da educação, ele não é aquele que detém o saber, mas aquele que, na mediação do conhecimento, respeita e dialoga com o educando. (Oliveira 1979, p. 52).

Pode-se observar que o autor vai dos anseios das experiências teóricas às experiências do cotidiano escolar, dando ênfase a uma reflexão sobre o diálogo no desenvolvimento da prática docente que constrói no decorrer do processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim o papel do professor em sala de aula é desenvolver estratégias que promovam o conhecimento, é oportunizar o desenvolvimento da aprendizagem na melhor maneira possível e procurar saber de que forma o aluno é capaz de aprender.

É indispensável que o aluno se desenvolva conviva em um ambiente que lhe proporcione o exercício da leitura, fazendo-a perceber o mundo que a cerca por meio da leitura de imagens, como também, a capacidade de escuta, aspectos estes, considerados relevantes no sentido de contribuir para o desenvolvimento da sua concentração. Quando mais cedo as histórias orais e escritas forem inseridas no seu cotidiano, maiores serão as chances desse aluno desenvolver o gosto pela leitura.

7.2 A importância da escola na formação do aluno leitor.

A legislação brasileira estabelece diversas normas e diretrizes que visam assegurar o direito à educação para crianças e jovens, garantindo não apenas o acesso à escola, mas também o acompanhamento durante o ano letivo. Algumas das principais fontes legais que abordam esse tema incluem a Constituição Federal de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), e outras leis complementares.

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (LDB 1988 art.2º)

O processo de leitura tem sido pauta de inúmeras discursões e reflexões que propõem melhores maneiras de defini-la e concebê-la em nosso convívio social. Por ser objeto de reflexão, é considerada por muitos autores como uma das maneiras mais completas de comunicação, e de forma intelectual, a escola é apontada como uma das instituições que possibilita o indivíduo ao universo abrangente e fascinante das letras.

Antes de ingressar na escola, alguns alunos já tiveram contato precoce com letras e números, seja através de materiais de leitura dos adultos ou através de passeios que fazem com seus familiares, seja pelos meios de comunicação, como a televisão a internet. O aluno por sua vez que está tendo contato com a literatura é primordial abrir caminho para essa busca e o professor o mediador desse conhecimento.

Quando se fala em escola são notados os aspectos de leitura, disciplina, alunos, professores. No entanto é importante lembrar que o aspecto físico de ambiente educativo é extremamente essencial. Os alunos precisam de uma boa escola para desenvolver suas habilidades cognitivas. O estado do Maranhão tem ainda as piores escolas do Brasil, sem ao menos a estrutura básica para o ensino, além de serem algumas de taipa e às vezes cobertas de palha, não correspondendo às exigências mínimas para abrigar os estudantes.

A escola tem papel importante para garantir um bom manuseio com os livros nesse momento tão importante da leitura, pois sabe-se que se apropriar de sua técnica não representa “ser leitor”. Para isso acontecer, a leitura deve ser acompanhada do prazer, do encantamento, do manuseio prazeroso do livro, da liberdade, da escolha, da curiosidade de busca de descobertas. Portanto é importante que as escolas propiciem em suas bibliotecas um bom acervo literário de livre acesso aos seus alunos, esse é o caminho e o desafio para que a escola forme leitores.

A preocupação com o planejamento de bibliotecas escolares não é nova e ressurgiu agora, num momento em que os educadores e a sociedade tomam consciência das suas precárias condições de trabalho de atualização e buscam soluções para interromper o processo empobrecimento (...) A conquista e a organização de uma biblioteca dentro das escolas, recheada de literatura crítica e com serviço democrático de circulação, certamente servirão como um outro patamar educacional para a produção de um ensino de qualidade. (Silva 2009, p. 195)

É na escola, por meio das diretrizes curriculares e das estruturas de ensino, que os alunos são orientados para o desenvolvimento do processo de leitura que levam a identificar, compreender, interpretar, refletir, distinguir, mensurar, e na medida em que essas habilidades vão sendo aprimoradas, oportunidades vão surgindo para sua inserção no contexto social e profissional.

Sendo assim, antes de aprender a ler, o aluno deve ser colocado em contato com a leitura, ao ouvir história, ao observar as rimas (em poemas ou em uma música), eles começam a se interessar pelo mundo das palavras. Os autores Ferrarezi e Carvalho (2017) destacam que é nos anos iniciais do ensino fundamental que as crianças adquirem o gosto pela leitura, começando pela experiência estética com o livro. É o primeiro passo para se tornarem leitores literários, percurso que vai se estender até o fim do ensino fundamental o qual traz o ingresso da criança com seis anos a escola e fortalece a premissa de que “quanto mais cedo melhor para se formar o leitor”. Assim, mais cedo a escola propicia ao aluno estímulo adequado, proposto de forma lúdica, variada, agradável e rica, garantindo o desenvolvimento que se dá como a aprendizagem.

Sem a escola é imprescindível que o aluno tenha acesso aos livros de literatura com regularidade, se esta ação não for feita no ambiente escolar, raramente o terão em outro espaço. Portanto é necessário que o aprendiz exercite a leitura com regularidade, pois quanto mais se ler, mais fácil se torna um bom leitor, tendo em vista que a medida que se ler, se abrem as perspectivas de elevação do nível de interesse por novos conhecimentos de mundo e científico.

Considerando o pressuposto de que a leitura na sala de aula pode ser compreendida como prática que constitui as condições de uso efetivo da linguagem, entendemos que a interação pode efetivar-se na escola, levarmos em consideração o espaço do aluno frente aos textos escritos. Portanto, é importante ressaltar a necessidade de a escola promover e expandir as possibilidades de interação por meio da leitura de textos escritos. (Franco 2008, p.17)

Entretanto, há um desacerto entre as reais condições da escola e o que ela pretende efetuar. Por isso, a educação qualitativa exige o envolvimento de todo o ambiente escolar, sobretudo o professor que deve ser um leitor com conhecimento amplo e disposto de metodologias que atraiam o aluno a leitura e direcionem seus interesses ao mundo da literatura.

No que se refere ao objeto em questão que é a literatura infantojuvenil como prática pedagógica para o incentivo à leitura e a escrita, observa-se por meio da pesquisa que a leitura no ambiente escolar enriquece o ser humano como pessoa culta e esse aprendizado deverá ser transmitido nos anos iniciais como algo constante e prazeroso, como defendido por Barthes (1996, p.21) “Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura”.

De modo geral, a pessoa em contato com a leitura aperfeiçoada a escrita e adquire conhecimento em todas as direções. Assim, o ato de ler possibilita ao aluno desempenhar ações tanto no contexto escolar como em outros espaços, como argumenta Bragatto (1995, p.98): “forma um leitor é com certeza formar o sujeito emancipado dotado de espírito crítico, é construir, pois o cidadão”.

Desde a história até a atualidade, a relação entre escola e literatura infantojuvenil vem se transformando nesse processo, estão envolvidos dois personagens que merecem ser analisados: o professor e o aluno estão sobre influência de ambos e requer grande atenção porque a relação entre os dois faz nascer a aprendizagem. A escola, o livro, bem como a literatura, e as relações entre elas e suas especialidades estão dirigidas a formação de um indivíduo, a escola deve converter-se em espaços cada vez mais próprios a leitura. Como a leitura é questão de sobrevivência do mundo contemporâneo, é preciso refletir em conjunto e realizar uma prática que abra para todas as portas dos mundos possíveis. O essencial é fazer da escola um ambiente propicia a leitura mediante um caminho que todos possam percorrer, para tornarem-se cidadãos da cultura escrita.

Assim ao ensinar, a escola dá sua contribuição quanto oportuniza aos seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, desenvolvendo a capacidade do uso eficaz da linguagem. De acordo com os PCN's, (2001, p.54) “a leitura na escola tem sido, fundamentalmente, um objeto de ensino”.

Assim a literatura infantojuvenil nas escolas, deve despertar o gosto pela leitura, pois propicia alegria, prazer e encantamento. Além de desenvolver os aspectos cognitivos do aluno, facilita a aprendizagem: aumentando o vocabulário, ampliando a criatividade, a reflexão permitindo assim uma nova leitura do mundo e fazendo com que leitor se coloque no estado constante de leitura. O dever da leitura é explorar o lúdico, fantasia, imaginação e principalmente o questionamento, fatores que estarão enriquecendo o ato de ler.

A literatura infantojuvenil pode contribuir significativamente no processo de desenvolvimento do aluno, uma vez que o educador deve ter em mente como utilizar a literatura na sala de aula, assim é importante que o professor sugira prática de leitura diária, compartilhe as escolhas de determinados livros, como manusearem os livros, como escolher o espaço da sala de aula, como escolher a história, como apresentar a história para que o aluno possa realmente adquirir o gosto pela leitura.

De acordo com Kamisaka (2007, p.35) “Na escola uma prática pedagógica bem planejada e muita dedicação, ajuda os alunos enfrentar dificuldades para fazer da leitura um meio de aprender e participar da sociedade em pé de igualdade”. Desse modo a escola se apresenta como forte instrumento de desenvolvimento na vida do aluno, uma vez que, através dela este ingressa no mundo da leitura de forma consciente e refletida. Sendo assim, esta instituição tão importante para o indivíduo precisa abraçar o desafio em formar leitores para assumir uma cidadania ativa, possibilitando a compreensão da realidade em que se vive, com o propósito de criar subsídios que possam atuar na construção de sua realidade.

A leitura deve ser tomada como uma prática social a ser devidamente encarada na vida cotidiana das pessoas, e cujo aprendizado se inicia na escola, mas que de forma nenhuma deve terminar nos limites da experiência acadêmica. (Silva, 1998, p.21).

Portanto compreende-se que a escola é um meio importante para o aluno tenha acesso aos conhecimentos científicos e metodológicos. O espaço escolar passa a ser um local privilegiado, pois além de garantir o conhecimento, intermediar o aluno ao conhecimento cultural e universal. Assim a escola ainda é o melhor local para o caminho a leitura e onde se encontra o significado o ato de ler.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo realizado nesse trabalho, percebe-se que a literatura infantojuvenil, além de aumentar o vínculo afetivo entre as pessoas, contribui para o desenvolvimento pessoal, cultura e social. Diante disso, a leitura ocupa um papel fundamental nas etapas do processo educacional, pois além do prazer, proporciona momentos de aprendizagem e trocas de experiências em sala de aula, desenvolvendo também o lado cognitivo, afetivo, social e criativo dos alunos, oportunizando assim uma aprendizagem ativa, dinâmica e contínua.

Os estudos aqui apontados, teve como objetivo investigar o processo de formação de leitores e que o ato de ler fosse uma atividade geradora de significados, possibilitando os professores que tem pontos positivos em suas práticas de leitores as seguintes evidências: os alunos que iniciam em um processo conscientizador acerca da atividade de leitura numa relação crítica e prazerosa com o livro certamente se tornarão leitores. Dessa forma a literatura infantojuvenil mostrou ter suma importância para a construção do aluno leitor, e os benefícios que favorecem aos educadores e educandos que almejam por uma aprendizagem significativa. Nessa perspectiva, a utilização da literatura no campo educacional funciona como mediador para aprendizagem, construindo-se assim como um recurso fundamental no processo do desenvolvimento e formação do conhecimento.

A literatura infantojuvenil influi em todos os aspectos da formação do ser humano, não só na educação, mas também nas áreas vitais como inteligência e afetividade; através da literatura pode-se promover no aluno até mesmo mudanças de comportamento, hábitos e atitudes.

Abordar essa temática, e desenvolvê-la ao longo dessa pesquisa foi de forma encantadora e enriquecedora, para a vida técnica e teórica, pois permitiu refletir sobre as diferentes contribuições que a literatura infantojuvenil possibilita ao ser humano ao ser aplicado como prática pedagógica. Portanto, a leitura, como qualquer arte, vai além da informação, da imaginação e aluno precisa ser estimulado a gostar de ler e escrever cada vez mais com esse gosto, pois esse hábito precisa ser a cada dia, instigado pelos pais e alimentado na sala de aula, com ajuda do professor e dos pais.

REFERÊNCIAS

- ALVES, C.C.G. **A construção de histórias na educação infantil como processo de formação de leitores.** Revista Fapciência, Apucarana- PR, ISSN 1984-2333, v.8.n2, p11-15.
- BAMBERGER, Ricahard. **Como incentivar o hábito da leitura.** Ática, São Paulo, 1987.
- BARBOSA, Alaor. **O ficcionista Monteiro Lobato.** Editora Brasil, 1996.
- BARTHES, Roland. **O prazer do Texto.** Tradução de J. Guinsburg. 4ª ed., São Paulo: Perspectiva, 1996.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Língua Portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRANDÃO, A. **A presença dos irmãos Grimm na Literatura Infantil e no folclore brasileiro.** São Paulo: Ibrasa, 1995.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é a literatura.** São Paulo: Brasiliense, 1986. Coleção. Primeiros Passos.
- CAGNETI, Sueli de Sousa. **Livro que te quero Livre.** Rio de Janeiro, Nórdica, 1996.
- CEREJA, Willian Roberto-**Português: linguagens: volume 1, ensino médio/** Willian Roberto Cereja, Thereza Cachar Magalhães- 5 ed. -São Paulo: atual 2005.
- CORAZZA, Sandra. **Na diversidade cultural, uma docência artística.** In pátio, Revista Pedagógica. Ano v. n. 17, Maio/Julho de 2001.
- CUNHA, M. Isabel. **O bom professor e sua prática.** 18 ed. Campinas, São Paulo: atual 2005.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude.** Porto Alegre, RS: Ed.Universidade/UFRGS, 2002.
- FARIA, M.A. **Como usar a literatura infantil na sala de aula.** 3. Ed. São Paulo: Contexto 2004.
- FEIJÓ, Mario. **O prazer da Leitura: como a adaptação de clássicos ajuda a formar leitores.** São Paulo: editora Ática, 2010 (1ª edição), p. 10-160.
- FERREIRO, Emilia; Teberosk, Ana. **A Psicogênese da Língua Escrita.** Porto Alegre: Artes Medicas 1985. 284p.
- FERRAREZI JR, Celso. CARVALHO, Robson Santos. **De alunos a leitores: O ensino da leitura na educação básica.** 1. Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- FREIRE. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** 6ª ed. São Paulo. Editora Unesp, 2000.

FRANCO, Cleide Aparecida Nunes da Silva. **A interação Aluno-professor-alunos nas Aulas de Leitura**. Dissertação de Mestrado pela universidade Federal de Uberlândia -Programa de Pós graduação em Lingüística. Uberlândia, MG: 2008.

JANUZZI, Gilberta Martino. **Confronto pedagógico: Paulo Freire e Mobral**. 3.ed. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1987.

CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem e outras metas**. São Paulo: Perspectiva. 2004. [1959].

KAMISAKA, Mariluci. Como Alfabetizar todos os meus alunos na 1º série. In: Nova escola. São Paulo: Abril, nº204, ano XXXII, agosto 2007.

LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro. Objetiva, 2006.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MOYLES, Janet. Et al. **Fundamentos da Educação Infantil**: Enfrentando o desafio. Porto Alegre RS: Editora ARTMED, 2007, p.235-305.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Leitura prazer**: Interação participava com a literatura infantil na escola São Paulo: Paulinas, 1996.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**: Imitação, jogo e sonho imagem e representação. 3º ed. Rio de Janeiro: LTC, 1964.

PONDÉ, Glória Maria Fialho. Introdução. In: YUNES, Eliana. (Org). **Leitura e a formação do leitor**: questões culturais e pedagógicas. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

PUCHNER, Martin. **O mundo da escrita**: Como a literatura transformou a civilização. 2019.

RAIMUNDO, Ana Paula Peres. **A mediação na formação do leitor**. In: CELI-COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS, 3.; 2007, Maringá. Anais..Maringá, 2007.disponível em : <http://www.ple.uem.br>. Acesso em 12 out.2023. SECRETARIA DE ALFABETIZAÇÃO: PNA: **Política Nacional de Alfabetização. Ministério da Educação**. Brasília 2019. P.54.

SILVA, Arlete Vieira da. **Projeto Orientação para Docentes de Creche sobre o Trabalho com Literatura Infantil**. Universidade Estadual de Santa Cruz. Ilhéus, 2006.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Biblioteca escolar: da gênese à gestão. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M, K. (orgs). **Escola e leitura**: Velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009. (p.187 – 2004).

TUFANO, Douglas. **Estudos da Literatura brasileira**. São Paulo: Editora Moderna, 1999.

VYGOTSKY, Lev S. **A forma social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WHITE, Hellen God. **Orientação da criança: como ensinar seu filho no caminho em que deve andar**. Tradução de Carlos A. Trezza-Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11 ed. São Paulo: Global, 2003.